



MUSEU

Resgate de personalidades negras do Brasil

Um importante e diversificado acervo formado por manifestações artísticas afrodescendentes, com a história da resistência negra à escravidão e a trajetória de personalidades desconhecidas tornam o Museu Afro Brasil uma experiência museológica única. Sob a direção do artista plástico Emanuel Araújo, o museu foi inaugurado há um ano, no Parque Ibirapuera, em São Paulo. Estão na exposição permanente a rica indumentária dos maracatus rurais, obras de artistas plásticos contemporâneos como Rubem Valentim e Mestre Didi, além das histórias de vida dos engenheiros André Rebouças e Teodoro Sampaio, do psiquiatra Juliano Moreira, documentos históricos e fotografias da época da escravidão. No museu, Araújo focaliza as questões da memória, e procura resgatar a trajetória de personalidades, como Carolina Maria de Jesus. Em maio deste ano, foram inauguradas biblioteca e exposição em homenagem a esta mulher negra, mãe solteira de três filhos, migrante, catadora de papel que há 45 anos vivia numa das primeiras favelas paulistanas.

Carolina Cantarino

CAROLINA MARIA DE JESUS: SUCESSO E ESQUECIMENTO



Reprodução

Carolina (centro) na favela do Canindé

A exposição sobre a obra de Carolina de Jesus reuniu os manuscritos originais de *Quarto de despejo*, as traduções em 13 idiomas para mais de 40 países, documentos do arquivo pessoal e uma réplica do barraco em que ela morava. Inclui, ainda, projeções do filme *Carolina*, de Jefferson De, prêmio de melhor curta-metragem no Festival de Gramado de 2003. A mostra trouxe, também, um conjunto de fotografias

feitas pelo jornalista Audálio Dantas, que “descobriu” Carolina de Jesus quando fazia uma reportagem sobre a expansão da favela do Canindé, desocupada para construir a Marginal Tietê. Foi aí que conheceu a escritora, que lhe mostrou uma coleção de cerca de 20 cadernos, recolhidos do lixo, onde registrava o seu cotidiano. Foi Dantas que convenceu a editora Francisco Alves a publicar os diários em 1960. *Quarto de despejo* vendeu cerca de um milhão de cópias em todo o mundo. A escritora ainda publicou, no Brasil, os livros *Casa de alvenaria* (1961), *Provérbios* (1963) e *Pedaços da fome* (1963) e *Diário de Bitita* (publicação póstuma, 1982). Para o historiador José Carlos Bom Meihy, os diários que tornaram a autora famosa não representam a essência da obra da escritora. Ele localizou junto à família da escritora, em sua pesquisa para o livro *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, de 1994, uma caixa com 37 cadernos com poemas, contos, quatro romances e três peças de teatro. “É um caso único na história da cultura popular nacional onde, na favela, uma autora semi-alfabetizada produziu uma obra que seria uma promessa de renovação de nossos critérios de definição cultural”, afirma Bom Meihy.



Capa do livro